

## De qual pudor falamos em análise?

*Alberto Murta e Polyana Schimith*

O pudor é frequentemente abordado pelos comentadores do ensino lacanianiano. Em muitos desses comentários encontra-se presente uma certa articulação entre esse semblante, o pudor, e a feminilidade, reduzindo-o à feminilidade. Parece-nos oportuno tentar rastrear algumas considerações realizadas por Lacan no decorrer do seu ensino e, quando possível, tentar articulá-las com a questão do final de análise.

### **Um pouco da história do pudor**

Jean-Claude Bologne<sup>1</sup>, autor do livro *A história do pudor*, investiga o pudor no período que se estende desde a Alta Idade Média até os anos 80 do século XX. Neste livro, o sentimento do pudor é abordado por meio da sua relação com a nudez. Na investigação sobre o pudor, o autor supracitado recupera, ao longo dos séculos, as diversas mudanças que ocorrem na maneira como a nudez do próximo foi abordada.

Entre as articulações que emergem no desenvolvimento do livro, o pudor surge numa estreita ligação com a vergonha. Bologne concebe o pudor como um sentimento "de vergonha, de incômodo que se tem ao fazer, ao enfrentar ou ao ser testemunha das coisas de natureza sexual"<sup>2</sup>. Nesse sentido, o pudor configura-se como um véu que cobre a nudez. Este tipo de pudor, que é mais frequente nas mulheres, é nomeado por Bologne como pudor corporal. Em suas palavras:

Nada é tão natural na mulher como o pudor (...) é um véu que ela não compra e que não custa a fazer. Nasce, cresce, forma-se com ela. Os cabelos lhe nascem depois do véu que ficará quando eles caírem<sup>3</sup>.

O texto de Bologne reencontra, por atalhos diversos, o texto freudiano que se dedica especificamente à questão da feminilidade. No mesmo, Freud<sup>4</sup> afirma:

Ao pudor<sup>5</sup>, que é considerado um traço tipicamente feminino, mas muito mais convencional do que se poderia pensar, atribuímos o propósito original de ocultar o defeito da genitália.

Podemos constatar ainda que a leitura de Bologne, em que o pudor cobre algo de natureza sexual, segue, rigorosamente, a passagem freudiana que afirma:

Acredita-se que as mulheres pouco contribuíram para as descobertas e invenções da história das civilizações, mas talvez tenham inventado uma técnica de trançar e tecer. Se assim for, seríamos tentados a adivinhar o motivo inconsciente dessas realizações. A própria natureza teria fornecido o modelo para essa imitação, fazendo crescer, com o amadurecimento sexual, os pelos pubianos que encobrem os genitais. O passo que ainda restava consistia em amarrar umas fibras às outras, que só estavam emaranhadas e presas junto ao corpo<sup>6</sup>.

No texto freudiano fica evidente que o motivo inconsciente de semelhante realização seria *cobrir o órgão defeituoso*. Desta maneira, não é sem consequências a descoberta psicanalítica de "que a menina responsabiliza a mãe pela falta de um pênis e não a perdoa por essa desvantagem"<sup>7</sup>. Em contrapartida, a não submissão ao reconhecimento da falta do pênis empurra a menina à inveja do pênis. Assim, o célebre desejo que mobiliza uma reivindicação fálica perpetua a inveja do pênis. O alcance do texto de Freud não se restringe apenas a essa questão.

## O pudor no texto *A significação do falo*

Não cabe duvidar que a finalidade do pudor para Freud consiste em cobrir a ausência do órgão genital, velar o nada anatômico. Entretanto, o enfoque da diferença anatômica não encontra correspondência em Lacan.

Desde esse momento, solidamente rigoroso, Lacan nos lembra que a redução das questões masculinas e femininas às diferenças anatômicas precisa ser repensada. Ele justifica a impossibilidade dessa redução alegando que o próprio Freud teve que se servir de um mito para a estruturação do Complexo de Édipo. O que, em sua leitura, não "passa de um artifício"<sup>8</sup>, pois os dados que a clínica fornece demonstram que o estabelecimento da relação do sujeito com o falo desconsidera a diferença anatômica entre os sexos.

Não cedendo às exigências dessa redução, Lacan, no primeiro momento do seu ensino, nos oferece uma articulação entre o pudor enquanto véu e o significante fálico, argumentando que:

O falo é o significante dessa própria *Aufhebung* (suspensão) que ele inaugura (inicia) por seu desaparecimento. É por isso que o demônio *Aidos* (*Scham*)<sup>9</sup> surge no exato momento em que, no mistério antigo, o falo é desvelado [...]<sup>10</sup>.

Deste modo, o pudor é lido por Lacan pelo seu nome mitológico grego *Aidos*, o demônio do pudor. Conforme descreve o autor, o falo surge sob a forma de um bastão nas mãos de *Aidos* personificando o pudor.

O pudor, na passagem supracitada, é mencionado num certo regime de concomitância ao desvelamento do falo. Em outros termos, o surgimento do pudor se estabelece num certo encontro com o falo. Ele emerge quando o véu fálico dá sinais de falhar, de vacilar.

O falo é algo que deve ser mantido sob o véu e cuja função depende, inclusive, desse velamento. A sua revelação

era reservada aos Mistérios. Lacan comenta ainda que no mistério antigo, conforme demonstra a célebre pintura da Vila de Pompéia, no exato momento em que o falo é desvelado, aparece *Aidos*. Nesse sentido, o regime do encontro se revela numa modalidade contingencial.

Nesse momento do ensino de Lacan, o pudor tem um lugar central na constituição do sujeito. É ele que, no processo do desvelamento do falo, possibilita a emergência do significante fálico "destinado a designar em seu conjunto os efeitos do significado"<sup>11</sup>. Quando o falo é desvelado o véu do pudor se interpõe, possibilitando que o falo se transforme em barra que divide o sujeito. O falo, então, na percepção de Lacan, "se torna a barra que, pela mão desse demônio, cunha o significado (...)"<sup>12</sup>. O sujeito constitui-se como sujeito do inconsciente, sujeito barrado, \$, a partir dessa barra. Nesse desenvolvimento emerge a indicação de que o pudor desempenha uma função na constituição do sujeito do inconsciente. Quando Lacan articula o raciocínio acima, não nos parece que tenha se desligado inteiramente do recalque originário. De fato, será que podemos tomar diretamente a referência do *Aidos* - o pudor - como barreira entre o sujeito e o recalque original?

Tivemos a oportunidade de abordar até agora o pudor e o falo como semblantes que cobrem o nada. Sendo o semblante sustentado no discurso, Lacan vai situá-lo nos registros imaginário e simbólico. Jacques-Alain Miller, lendo o pudor como um semblante, propõe que ele tem a "(...) função de velar o nada. Por isso o véu é o primeiro semblante"<sup>13</sup>. Miller, retomando a conferência de Freud sobre *A feminilidade*, situa a função do pudor a partir do que seria uma intenção inicial de velar a ausência do órgão genital. Ele sinaliza que todo sujeito tem essa relação com o nada, mas, nas mulheres, essa relação se dá de forma essencial. Nesse sentido, a forma encontrada por Freud para

pensar a relação da mulher com o nada se concretiza mediante o nada corporal, o nada anatômico.

Surge, então, um paradoxo isolado por Miller na leitura do texto freudiano: ao mesmo tempo em que o pudor vela a ausência, ele a constitui como algo. Assim, o pudor tem um efeito criador: "ao velar também se cria, se faz nascer, se faz surgir"<sup>14</sup>. Na medida em que o véu do pudor se estende sobre qualquer parte do corpo, essa parte ganha valor fálico. Por essa via, o pudor passa a ter um efeito falicizante, ele faliciza o corpo.

### **O uso do pudor no texto *A ética da psicanálise***

Recuperamos certas articulações do pudor no texto "A significação do falo", mas sabe-se que Lacan continua perseguindo o tema em outros momentos do seu ensino. Em uma passagem do seminário *A ética da psicanálise*, o pudor é apresentado como uma função paralela à função do belo. É nesse contexto que Lacan aponta a necessidade essencial de *produzi-lo* no curso da experiência de análise. Parece-nos crucial a indicação de que o pudor deve ser produzido no decorrer de uma análise. Na verdade, especificamente nas passagens que se seguem logo abaixo, constatamos que, na versão brasileira, não emerge o verbo *produzir*, mas sim o verbo *mostrar*. Sendo assim, a versão brasileira não possibilita a leitura permitida pela versão francesa. Podemos observar a diferença comparando o mesmo trecho das duas versões:

Je voudrais ici introduire, en parallèle à la fonction du beau, une autre fonction que j'ai déjà ici nommée à plusieurs reprises sans jamais trop insister, mais qui me paraît pourtant *essentielle à produire* [...] <sup>15</sup> (grifo nosso).

Gostaria de introduzir aqui, paralelamente à função do belo, uma outra função que já nomeei diversas vezes sem jamais insistir

demasiadamente, mas que me parece, no entanto, *essencial mostrar*, e que chamaremos, se vocês estiverem de acordo, *Aídos*, em outros termos o pudor. A omissão dessa barreira, que conserva a apreensão direta do que há no centro da conjunção sexual, parece-me estar na origem de todo tipo de questão sem saída, e, propriamente falando, no que se refere à sexualidade feminina, tema posto na ordem do dia de nossas pesquisas - a culpa não é absolutamente minha<sup>16</sup> (grifo nosso).

A citação em português apresentada acima é marcada pela introdução do termo *barreira*. A que responde precisamente essa introdução? O que ela muda fundamentalmente na perspectiva sobre a experiência analítica?

Tentando ordenar as coisas pela via da experiência de uma análise, podemos sinalizar que a emergência da barreira do pudor diz respeito a uma modalidade de obstáculo à análise. Não é difícil, a partir do que foi evocado aqui, afirmar que esse obstáculo refere-se ao acesso ao real. De certa forma, o pudor impossibilita, como precisa Lacan, a "apreensão direta do que há no centro da conjunção sexual". Nesse sentido, a barreira do pudor faz borda a não relação entre os sexos e, por conseguinte, ao real do gozo feminino.

### **A versão do pudor nos *Problemas cruciais para a psicanálise***

A trajetória empreendida por Lacan o conduziu em direção a outro uso do pudor. Especificamente, a partir do texto "Problemas cruciais para a psicanálise"<sup>17</sup>, Lacan se debruçará em escavar o surgimento do pudor do lado do analisando.

O sujeito, no curso de sua análise, vai articulando paulatinamente o saber e a verdade que ele adquiriu sobre sua posição sexual. Assim, a relação entre o saber e o sexo vai esbarrando em determinados limites. O coroamento desses limites se opera quando o saber para, diante do "segredo do

sexo"<sup>18</sup>. Dessa maneira, emerge nas últimas posições subjetivas um horror que não pode ser ultrapassado, onde "um saber se refugia nesse lugar do pudor original"<sup>19</sup>. Nesse lugar do "pudor original"<sup>20</sup>, o sujeito se encontra indeterminado em relação ao saber.

Ora, é também nessa mesma lição de 19 de maio de 1965 que Lacan indicará o brotamento de uma certeza do lado do sujeito, ou seja, a certeza paradoxal do não poder saber. Isso acontece quando a análise se torna o lugar onde se verifica o limite do saber diante do "puro defeito do sexo"<sup>21</sup>. É curioso constatar que essa passagem também faz eco ao texto de Freud quando ele diz que o pudor oculta o "defeito da genitália"<sup>22</sup>.

Trata-se, pois, de criar as condições analíticas que permitam um lugar ao sujeito no saber em relação ao "impossível da realidade sexual"<sup>23</sup>. Nos termos de Lacan, cabe isolar "(...) esse ponto que no nível do sexo designo como o ponto de acesso impossível, isto é, o ponto onde o real se define como o impossível"<sup>24</sup>.

### **O semblante do pudor**

Passamos agora a outra versão do pudor que emerge no seminário *Les non-dupes errent* de 1974. Na lição de 12 de março, Lacan sinaliza uma articulação entre a não relação sexual e o pudor. É também nessa articulação que o pudor é indicado como uma virtude. O contexto no qual gravita a emergência do pudor enquanto virtude estabelece-se quando Lacan questiona se o Bem pode ou não ser situado na história do nó borromeano. Eis a passagem: "a única virtude que eu vejo sair dessa questão, se não há relação sexual, é o pudor"<sup>25</sup>.

Em outro desenvolvimento desta mesma lição, Lacan lança o seguinte jogo homofônico: "[...] les non-dupes errent, c'est peut-être les non-pudes errent..."<sup>26</sup>. Ora, é

só na versão francesa que podemos encontrar a indicação estabelecida por Lacan entre "os *não-tolos erram*" e "os *não-pudicos erram*". Contudo, se balizarmos o final de análise à luz da identificação com o *sinthoma*, essa homofonia evoca um ir além do semblante do pudor, sob a condição de servir-se dele. Patrick Monribot, comentando essa homofonia, acrescenta o seguinte: "Fazer equivaler o *não-tolo (le non-dupe)* e o *não-pudico (le non-pude)*, eis aí o que condena o desabonado do pudor à errância"<sup>27</sup>.

Depois de ter ressoado o pudor com o fato dele mesmo ser condenado à errância, notamos que o pudor torna-se um dos últimos semblantes a ser sacudido na experiência analítica. Se nos dirigirmos ao ensino avançado de Lacan é desejável nos servirmos do par *semblante-sinthoma*. Esse par mobiliza a aparição de outros semblantes, entre os quais o objeto olhar, em torno do qual o pudor é situado. É assim que a sucessão desses dois semblantes, o olhar e o pudor, demandam o comparecimento do corpo.

Essas considerações sobre o pudor postulam uma aliança com o *sinthoma*. É, precisamente, essa consistência que Lacan sinaliza no *sinthoma* como acontecimento de corpo. Para isso, ele desenvolve a incidência da *lalíngua* sobre o corpo, na medida em que, afetando o corpo, ela deixa suas marcas de gozo.

Em *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan indica que o "corpo tem uma potência tal de cativação [...]"<sup>28</sup>. Ora, nessa potência mesma de cativação encontra-se o comparecimento do objeto olhar. Com isso, evidenciamos a emergência do objeto olhar e, por conseguinte, o ponto onde o pudor se situa. No fundo, o véu do pudor se nutre do semblante olhar.

Gostaríamos de fazer referência aqui a outra passagem do mesmo seminário, na qual se percebe como o objeto olhar vem em último plano fazendo *limite* a cada vez que o obsessivo se vê confrontado com o Real. Lacan nos faz

observar que: "Sabemos que é particularmente difícil arrancar o obsessivo desse predomínio do olhar"<sup>29</sup>. O objeto olhar é, assim, da ordem do semblante. Recuperá-lo na experiência analítica é indicá-lo como um dos *semblantes-limite* que fazem enganche no gozo.

Acompanhando as elaborações de J.-A. Miller sobre o estatuto do semblante no final de análise, é bastante memorável a sua proposta de "evidenciar em nossos trabalhos a borda de semblante que situa o núcleo de gozo"<sup>30</sup>. Podemos deduzir, com essa proposta de orientação de Miller, que o objeto olhar torna-se uma borda crucial de semblante. Isso implica, nesse momento analítico, que a produção dessa borda não tem como garantia o grande Outro.

Se, mais uma vez, reportarmos esse semblante ao pudor é, para com eles - o olhar e o pudor - tornarmo-nos *tolos*. Somos *tolos* de alguns semblantes na nossa errância.

---

<sup>1</sup> BOLOGNE, J.-C. (1990). *A História do Pudor*. Rio de Janeiro: Elfos Editora.

<sup>2</sup> Idem. *Ibid*, p. 8.

<sup>3</sup> Idem. *Ibid*, p. 11.

<sup>4</sup> FREUD, S. (2012[1933]). "A Feminilidade. Conferência 33". In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 36.

<sup>5</sup> No presente artigo, nos apropriaremos da tradução mais recente dessa passagem que traz o termo pudor, diferentemente da versão antiga que trazia o termo vergonha.

<sup>6</sup> FREUD, S. (2012[1933]). *Op. cit.*, p. 36.

<sup>7</sup> Idem. *Ibid*, p. 28.

<sup>8</sup> LACAN, J. (1998[1958]). "A significação do falo. Die Bedeutung des Phallus". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 693.

<sup>9</sup> O Demônio do Pudor.

<sup>10</sup> LACAN, J. (1998[1958]). *Op. cit.*, p. 699.

<sup>11</sup> Idem. *Ibid*, p. 697.

<sup>12</sup> Idem. *Ibid*, p. 699.

<sup>13</sup> MILLER, J.-A. (2012). "Mulheres e semblantes". In: *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 65.

<sup>14</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>15</sup> LACAN, J. (1986[1959-1960]). *Livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, p. 345.

<sup>16</sup> Idem. (1988[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 350.

<sup>17</sup> Idem. (1964-1965). "Livre XII: Problèmes cruciaux pour la psychanalyse". Seminário inédito, lição de 19 de maio de 1965.

- 
- <sup>18</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>19</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>20</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>21</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>22</sup> FREUD, S. (2012[1933]). Op. cit., p. 36.
- <sup>23</sup> LACAN, J. (1964-1965). Op. cit.
- <sup>24</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>25</sup> Idem. (1973-1974). "Livre XXI: Les non-dupes errent". Seminário inédito, lição de 13 de março 1974.
- <sup>26</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>27</sup> MONRIBOT, P. (2007). "La Pudeur originelle". In: *Quarto - Revue de psychanalyse - École de la Cause freudienne* (90). Belgique: Dumortier, p. 37.
- <sup>28</sup> LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 19.
- <sup>29</sup> Idem. (2005[1975-1976]). *Livre XXIII: Le sinthome*. Paris: Seuil, p. 18.
- <sup>30</sup> MILLER, J.-A.(2008). "Semblantes e Sinthomas". In: *Opção Lacaniana- Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (52). São Paulo: Eolia, p. 15.